

**O SABER DA NUVEM DO NÃO SABER:  
DOUTA IGNORÂNCIA EM ALGUNS  
PROPÓSITOS DO FRANCISCANISMO**

**Victor Excelsius**

**palavras-chave: franciscanismo, antropologia, salvação, teoria social**

## Propósito deste Texto

O franciscanismo é Igreja, é estar em Igreja. A Igreja não nos dá o que queremos, dá-nos muito mais, além das coisas do mundo. Pretendemos provar que o franciscanismo é uma filosofia, uma filosofia de vida ao lado do Tao e do Zen, mais ou menos aperfeiçoado ao longo dos tempos e o percursos da moderna ecologia. Além disso, é uma ferramenta para combater a febre de *status* dos nossos tempos de capitalismo. „Não podes servir a dois senhores“...

Na verdade, na sua essência, o franciscanismo é uma resposta ao modo como o homem lida com o dinheiro, com a riqueza. Estará, então, destes tempos pós-democráticos, o franciscanismo, desatualizado? Cremos que não e vamos provar porquê.

## Desenvolvimento

### 1.

#### PERCURSORES DA ECOLOGIA

Desde jovem, sente-se um apelo, uma vontade para deixar os bens patrimoniais e rumar a outros horizontes, mais amplos, mais satisfatórios, ou seja, deixar a herança, os bens do pai, e abraçar a vida religiosa. Muitos sentem esse apelo e não apenas por essa razão mas pela razão de Deus em Si. Antes de mais, os votos, parece que tudo se resume aos votos, pobreza, castidade, obediência. Francisco deixou os bens do pai para fundar uma ordem de mendicantes, como resposta mística aos tempos desordenados e demasiado judiciosos que estava a viver a Europa daquela época. É assim com os profetas, surgem em certos momentos exatos da história para mudar os acontecimentos, para consertar aquilo que não está certo. Depois, a relação entre Francisco e Clara, quase erótica, como se ela fosse sua mulher...

Se reparar-mo bem, o hábito dos franciscanos é castanho, muito poucos o são no seio da Igreja, daí a radicalidade da entrega do jovem franciscano à terra e às coisas fundamentais que nos dão

uma inquieta tranquilidade que faz dos franciscanos a ordem religiosa mais fiável e eloquente da Igreja, a meu ver, claro, não só porque a sua mensagem é eloquentemente clara e simples como também, na realidade, pouco franciscanos estiveram envolvidos em problemas como a Inquisição e as Missões, nas Descobertas, ou Achamentos...

O homem franciscano é aquele que cria a alegria a partir do nada. Em certa medida é um criador, à semelhança Daquele que ele adora... Se o franciscanismo precede a moderna ecologia, como existe agricultura biológica e, podemos perguntar-nos, porque ela é tão dispendiosa? Talvez porque o mundo se habituou à democracia e ao capitalismo e à ideia de que a religião, como diria Max Weber (*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*), está na origem de tudo isto, deste estado de coisas, diria até das guerras em África e da atual guerra na Ucrânia. Por isso mesmo, o mal-estar de civilização em que vivemos, a proliferação de imagens que carregam o nosso cérebro, fizeram crescer o número de vocações monásticas, tanto de homens como de mulheres, mas não foi somente isso, o ascetismo especializou-se em saúde mental e é já uma panaceia para aqueles que se sentem naufragar no atual mediático mais de imagens e símbolos morais...

O franciscano não é uma superestrela intelectual que precisa de adoração, nem tão pouco um situacionista que sabe manobrar os políticos e intelectuais da sua época, ele é um homem do meio, feito de princípios simples que obedecem antes demais à sua relação com a **natura naturans**, conhecendo perfeitamente a natureza humana à partida e fazendo isso de motu da sua acção apostólica, evangélica. Assim, o franciscanismo pode também ser entendido como não só uma actualização, mas também como uma revisitação do evangelho, au-delá daqueles que negam a Igreja porque a sua mensagem lhes pode parecer secularmente pouco elaborada...

Além do mais, a cupidez do homem embate no princípio da pobreza, porque ninguém quer ser pobre voluntariamente e todo o homem se perturba quando tem as meias rotas, como se tal significasse o fim, o fim da sua estada na terra, o fim do seu prestígio social e, logo de seus favores e vícios. O que Francisco de Assis propõe é o fim de tudo isso, a extirpação da vaidade no íntimo do Ser do homem-bicho-animal.

Porque a Nuvem do Não-Saber tem que ver antes de mais com um esquecimento do mundo para lembrá-lo de uma forma mais ou menos apocalíptica, como se o religioso tivesse medo do mundo, medo da morte, medo da Babel da grande cidade onde reina o instinto... animal e o religioso é tudo menos animal, instinto, animalidade, ainda que seja (ainda) homem. Portanto, a nuvem do não-saber para lembrar, esquecendo e, talvez, rezar pelos outros, para que se consertem,

enquanto o status ajuda a conquistar as melhores mulheres, mas no fim, tudo è vão e se resume a pura animalidade, enquanto o transcendente é investimento nas energias e economias do além.

Porque, na raíz do pensamento, o resultado da acção apenas é comprovativo de uma formulação inata. Assim se passa nos vícios e na riqueza, assim se passa na pobreza, porque um não vão sem o outro...

A vida monástica, conventual, não é frustração nem negação de uma vida, digamos, empresarial e ligada a certos valores como o prazer e o sucesso num âmbito capitalista, mas é entrega a Deus, ou seja, é por ela mesma, uma forma de vida e, em certo sentido, a mais perfeita forma de vida, ao mesmo tempo que inacabada, pois o religioso sempre procura novos ideais e um novo espírito cada dia que se segue ao anterior. Enquanto alguns se entregam a essa forma de vida, o Não-Saber do Mundo e das coisas do mundo, há uma certa paixão nos pormenores de uma vida que se cumpre entre paredes e na quinta onde se cultivam várias espécies para consumo comunitário, onde se faz a monda da vinha e se cavam as batatas e colhem morangos... Porque, em certo sentido, a opção pela vida religiosa pode significar uma fuga à vida buliçosa e dessaranjada da cidade, da imensidão da intensidade e complexidade das relações humanas, sua imperfeição e violência, seu arrasto e criminalidade... Por razões de fé, há muitos que fazem menos. Ao menos, no convento tens uma vida estruturada, não há supresa, não tens de lutar senão em favor dos sacramentos, pode rezar, pedir por ti e pelos outros, desde que observes os três votos e se tal não acontecer, há sempre a possibilidade da remissão, por várias vias, vários canais de comunicação com o sobrenatural, enquanto a vida, lá fora, é profana e implacável, uma luta de egos como nas telenovelas...

E, ao fim e ao cabo, porque defendo a vida monástica, como defendo a vida social e pública no contexto da socie-cidade mediática? Cada um procura o que o vai realizando e, muitas das vezes, a grande parte das pessoas ou é curta de vistas ou então tem uma cupidez formidável que radica nas fundações pessoais do seu psicanaliticismo. Parece que estão, então, todos preocupados com o fundamental, mas são incapazes de dar um passo atrás para se confrontarem com ele, enquanto outros vêm no misticismo a sua fuga à ausência de sentido dada pela proliferação do sentido, do excesso do sentido, nas sociedades contemporâneas. Daí o não-saber, a nuvem, até que, na mínima parcela cerebral última, alguém me diga se o tipo se safou, arreigado ou não à vida deste mundo, às coisas deste mundo. Enquanto isso, eu preciso de ter *status* para conquistar as mulheres, para desenvolver uma família, num sentido e força de afirmação que não parecem ter

fim, numa idade de individualismo real e virtual e, ao mesmo tempo, sacanice ideológica sem par...

Depois, terá nascido no espírito de Francisco um desejo de, em vez de capitalizar neste mundo, capitalizar no do além? Metafisicamente, digo, fisicamente, até, investir no mundo do além, numa segunda vida? Terá sido a sua necessidade completamente religiosa, mística, ou tinha algo de metafísico, de físico, político? Cremos que sim, pois mesmo as mais revolucionárias ideias religiosas, se não têm na sua génese, um impulso político, ou seja, na ordenação dos seres neste mundo, implicam, trazem por arrasta, transformações políticas e sociais. De algum modo, ele foi um profeta, um João Batista, que anunciou a vinda a este mundo daquele que já tinha vindo...

Ou seja, podemos interpretar a Igreja, o franciscanismo, como uma organização política? Claro que são organizações religiosas, uma dentro da outra, mas a diversidade das ordens e institutos religiosos da Igreja são porventura aquilo que de mais rico ela tem, aí se jogam temperamentos políticos, muitos desejos de santidade, de felicidade, de realização em Cristo. Por isso, consideramos como premente não só o ecologismo de Francisco, mas a sua ideia geral sobre o homem, como uma teoria da realidade social, ou seja, como uma forma de simbolicamente lidar com o mundo, interpretá-lo, modificá-lo, transformá-lo...

## 2.

### OS VOTOS E O NÃO-SABER

Curioso será notar, que o símbolo dos franciscanos é o Tau, ou seja, talvez haja pontos de aproximação entre o franciscanismo e, pasme-se, o taoísmo. Sim, no amor à terra e às criaturas, uma espécie de sexualidade simbólica relativa à ordenação e planteamento das almas no mundo, no universo religioso. Uma sexualidade sem sexo, sem o acto, guradando-se o religioso para actos que o dignifiquem a si, às Criaturas, ao Criador.

Para um postulante da ordem franciscana, o desafio é simples, como para com os monges de xaolin: pobreza, castidade, obediência. Vamos por partes. A pobreza não escraviza, liberta e que bom é sentirmos ausência de responsabilidades da vida social que levamos nas nossas cidades! Mas a pobreza, talvez a mais marcante das qualidades (ou características) do franciscanismo, é em si também uma responsabilidade, ou seja, tens o teu hábito (castanho, no caso dos regrantes e capuchinhos, preto no caso dos conventuais) mas não o hábito de gastar, tens o mínimo para o teu dia-a-dia de oração, contemplação (da natureza, mormente, com o respectivo convívio com os animais e as plantas) e convívio com os irmãos. Sim, o postulante tem de se preparar para o noviciado e pode desenvolver a sua personalidade de acordo com aquilo que mais e melhor sabe fazer, de acordo com aquilo que convém à ordem. Saliento que, além dos votos, há o cultivo da algria, que talvez advenha, misteriosamente ou não, deles próprios...

De certa maneira, tornas-te também um franciscano no meio do mundo, ainda que secular, ou seja, vivendo do e no século, no momento agora, numa temporalidade mais ou menos afanada de compromissões e contratos sociais, de certa maneira, cumprindo esses votso, seja pela obediência, seja pelo regramento do dinheiro, seja por uma sexualidade mais ou menos saudável. Mas os votos não são ponto de chegada, aqui como no convento, são caminho, partida para algo parecido com a felicidade na terra e esse é o investimento que o franciscano melhor saber fazer, investir na felicidade na terra, desde já, sendo por isso imensamente prático, praxístico, o seu propósito de vida. Assim, podemos perguntar-nos, serão os votos uma forma de escravidão ou então de libertação moral, exalação metafísica de um ser em busca do equilíbrio interior? É discutível, mas para os franciscanos, eles são uma forma não só de libertação, mas também de afirmação de certos pirncípios, propósitos, como lhes chamo, que fazem radicar a sua concepção do mundo por uma grande paixão pela felicidade e logo que a agarras, difícil é deixares que ela se

vá, que cesse de existir... E esta ideia se liga à outra de nuvem do não saber, ou seja, „por uns tempos, quero cultivar-me, não quero saber o que se passa com o mundo que está dançando como uma aura, uma auréola sobre a minha cabeça já há alguns tempos, preciso de descansar a alma“...

Equacionamos então, esta concepção do não-saber como uma afirmação peremptoriamente socrática, ou seja, não quero saber o que se passa com o mundo, quero saber dos meus votos e essa é a minha afirmação, o meu statemente, face ao mundo. Mas, na realidade, o que é o mundo? Veja-se o Timeu, de Platão, a este propósito, o homem que arca com ele, que é jogado para e desde essa Babel, essa confusão e saturação de sentido que caracterizam a vida actual...

**CANSAÇO DO MUNDO**

Há, assim, em toda esta atitude religiosa, um certo cansaço do mundo, ou seja, das relações que são relações e o cansaço que tempos todos nós uns dos outros, uns vão para os conventos, outros vão para as prisões, outros para os manicômios, talvez querendo apenas notar qualquer coisa, afirmar-se, des-cansar e des-casar do mundo. Seja, como fôr, o resultado das nossas preocupações irá ser aberto, deslindado, do outro lado do mundo, quando este fôr virado do avesso por uma lógica capitalista de mercado que por vezes faz da religião um negócio da alma, em que é preciso estar bem, curado, sendo que esta questão de saúde mental tem muito que ver com papéis sociais e com ciências como a psiquiatria, as ciências sociais, a filosofia, todas elas conhecendo um desenvolvimento exponencial através das duas guerras mundiais, quando o ressurgimento da religião, em termos globalmente antropológicos, apenas se deu há cerca de dez anos para cá...

Sim, este cansaço da vida da cidade é mental, mas também e talvez mais, físico, é coisa física, da físico-química do corpo e da alma, no sentido de *anima*...Traz-nos arrastados pelas ruas de calçada desta cidade buliçosa do sul da Europa, falando com este e com aquele, no que tem que ver num desejo para desempenhar um papel, ou seja, estarmos integrados num determinado lugar que por nós é domesticados, „acostumbrado“...

Então, novamente, os votos, para além da questão do não-saber, não queres saber das coisas do mundo a que estamos agarrados num esquisito registo de imanente irresponsabilidade...são as coisa que fazemo com responsabilidade que nos marcam socialmente, que geram aqui a que venho chamando desde a década de 90 de **sociovisibilidade**, que alguns chamam de „representação social“. Talvez, em ver a vida religiosa como antagónica face ao mundo, devamos desenvolver uma certa cultura da esperança, ou seja, procurar pontes (e fontes) de confluência, de ecumenismo, de encontro. Porque o religioso também tem a sua sexualidade e ainda que pobre, por opção, tem também os seus superiores. Nem toda a gente concorda com o mito liberal do homem livre, o *self made man*...Se há diversidade (no Mundo), porque não há-de haver respeito, felicidade? Sim, felicidade, seja qual for a minha opção de vida, de acordo ou não com a minha personalidade. Porque, enquanto os votos são uma marca da vida religiosa, o culto do indivíduo poderá parecer uma doença da sociedade, só para conseguir status, mulheres, poder e influência. Estas esferas também estão presentes na vida religiosa, ironicamente e o santo é aquele que faz a



vontade do Todo. Será, então, um escravo dos outros?...

Depois, a roupa, o hábito, como sinal de despojamento e de como o mundo olha para o lado quando és religioso, porque o mundo anda doente e maior doença do que estar ébrio de amor a Cristo não há, é essa a verdadeira doença de amor, de entrega, que pode parecer demasiado ingénua a alguns ex-seminaristas que se tornaram duros laicos e homens sociais, mas é onde reside a verdadeira salvação da alma. Em Cristo, pois.

Assim, o mundo está doente, cansado, como os seus intervenientes, cansado de estar doente, por isso, hoje em dia, a tudo se recorre para salvar a alma de sufocos como a droga, a pornografia. Mas será justo privar o corpo do seu equilíbrio hormonal? Não é a metafísica algo de verdadeiramente apaixonante? Não é o sexo algo de sagrado, porque benfazejo ao espírito?

Porquê, então, a castidade?

Pela necessidade de entrega aos irmãos? Vamos um pouco mais adiante nesta consideração... Será a Igreja inconciliável com o culto do corpo? Onde radica a sua tradição metafísica de sobrevalorização do transcendente? Resposta, talvez na filosofia, é esta que acaba por legitimar a religião ao longo dos séculos.

Ou seja, como explicar a religião por um processo, por um sistema, não religioso? Ou seja, pode a religião explicar-se a ela mesma? Seria redundante fazê-lo? Mas creio que a filosofia pode explicar a religião e, em certo sentido, a sustenta, porque a filosofia é moralmente neutra e legitima a prática religiosa num certo conjunto de princípios. Assim, é com o franciscanismo, com Boaventura ou Duns Scoto. Uma coisa é a querela, outra a prática e esta tem muito que mais ver com a antropologia do que com a filosofia...

Mas, porquê sofrer tanto? Em nome de um deus que se deixou pregar numa cruz há dois mil anos? Não tem isto que ver não só aquilo a que já chamei de *economia libidinal*, mas de uma economia transcendental. Eu invisto no meu Deus e ele investe, aposta em mim, no apostolado da oração e da prática quotidiana com os irmãos, nada de mais Belo e Perfeito.

Sim, o mundo está doente, por isso não quero-saber, estou na minha nuvem do não-saber quietinho, não incomodo ninguém. Estamos cansados. E porque procuramos uma fuga? Não poderá haver uma reforma, uma reconversão, a partir de dentro, como o interior da igreja nos vai convertendo todos os dias, a pouco e pouco, pela frequência dos fiéis, dos sacramentos? Porque procuramos tão insistentemente algo, se não é Deus é outra coisa?... Não estaremos fugindo de nós próprios e da nossa herança cultural? O que há a partir de dentro, do *aquí*? Sim,

fugimos de Deus e fugimos de nós próprios, fugimos para cima, nem que seja para habitar Marte...

4.

#### INSCRITO NO CÉU

Assim, como conciliar os contrários, o seja, o mundo e o convento, para não falar das prisões e dos manicómios? Não têm eles canais de comunicação com o mundo, interpenetrando-se? Porquê pôr tudo no mesmo saco, como faz Goffman? Ainda assim, a influência pervasiva, intersticial, insidiosa, do Deus que nos quer Bem faz-se sentir, entra as paredes de um convento, num murmúrio de oração numa cela, num simples quarto onde podes fazer a barba e lavar o rosto...

Assim, a vida religiosa, onde se encontra em linha de conta o franciscanismo, é um investimento no céu, uma inscrição no transcendente, mas também uma forma de afirmação desse transcendente no mundo (dos homens), do testemunho de que há qualquer coisa além disto e isto é qualquer coisa que prova que existe algo para lá disto... Por isso, ser franciscano é estar bêbado de amor sem sequer tocar numa pinga de álcool, é saciar os apetites com doces conventuais ou uma simples reflexão, com um fundo de licor Fra Angelico dos irmãos beneditinos... É regressar à cela e rezar, rezar muito para que este mundo se converta, não é só a Rússia, como pediu Nossa Senhora aos pastorinhos. É ser deste mundo e não do outro, pelo Outro e pelo Deus Único que a todos ama, é ser antropólogo com formação marxista e recuperar a fé após tanto anos, perceber que somos apenas um grão de areia numa imensa praia onde caminhamos lado a lado com o Senhor, é ser uma gota de água no oceano banhado pelas lágrimas da Virgem Maria que de quando em vez tapa os olhos para não ver as misérias que homens, o homem, vai fazendo neste mundo em que tudo se proporciona, tudo se perpetua, todos se arrependem... ou não, seu coração fica rijo como pedra e deixam de ser sensíveis, só porque há o mito nietzschano do superhomem, um homem não chora... O problema é que elas querem ser como eles...

E, se de repente, a mando do papa, os religiosos pudessem casar? Pudessem ter bens e não tivessem que obedecer a superior algum? Creio que ficariam felizes. Por isso, muitos, como Charles de Foucauld, esquecem-se dos bens e honrarias e vão para o deserto da alma, talvez na procura de um equilíbrio e paz que os bens, os prazeres, o poder, dão, conferem ao ser, porque a resposta, por mais obtuso que possa parecer, está no Mundo... num canto de rua, no momento,

no ladrar de um cão a meio da noite, na canícula de Verão, quando uns estão em casa e outros vão para a praia, num país que não funciona, cuja lógica, enquanto antropólogo, ainda não consegui descortinar, talvez não haja lógica, talvez ela seja o demiurgo o Deus que tudo ordena e compreende, ou seja, apreende para Consigo-mesmo...

Mas, o trabalho do antropólogo é gerar sentido das coisas humanas e se algumas ideias posso adiantar para a crença no Deus de Cristo, é que eu passei por lá, pelos franciscanos e foram os votos que acabaram por ditar a minha não opção pela vida religiosa, na altura em Varatojo, Torres Vedras. Sinto falta de um retirro em especial, do padre Álvaro e, desde então, eu devia de dar ,enquanto já iniciante nas coisas das ciências sociais, devia dar um sinal à sociedade de que seria bom ter algum equilíbrio. Depois dos excessos do 25 de Abril, alguém, tipos como eu, tínhamos de equilibrar os pratos da balança do social. Foi o que aconteceu, porque a vida cá fora é dura, é uma selva, mas também para quem ora o é, cada vez mais, porque a americanização global, o mercado e suas leis, estão se expandindo e isso, no geral, a Europa tem muita culpa...

## CONCLUSÃO

A grande questão do franciscanismo é, a meu ver, não tanto o seu misticismo, os votos, mas a de saber como articular as promessas de igualdade numa sociedade cada vez mais competitiva. Competição pelos recursos, competição pelo status, pelo poder...o sagrado não se dá bem com isso, contudo, a Igreja tem bens, tem hierarquia, tem escândalos...mas não podia ser de outra maneira, a Igreja não está nas nuvens, está firmada no mais seguro terreno da terra, do mundo. Já Paulo Valverde falava da relação do missionário com o etnólogo e eu acho que, para a Igreja, o caminho é esse, aproveitar o balanço teórico da filosofia e a amizade da antropologia, porque aliás, nem toda ela é marxista. Sim, uma Igreja mais firmada no Mundo e ao mesmo tempo inscrita nos céus, nos sonhos da razão e do sentimento, da emoção humana e usando os sentido para encher de felicidade a nossa estada neste mundo que, diz a Igreja, pode não ser o fim, para mim, para ti, para todos, por isso deve-se dar crédito à esperança, numa Igreja Sinodal...

Se, mesmo na América, terra dos livres, das oportunidades e dos grande desafios epistemológicos, ainda existe Igreja é, porque, de certo modo, ela é ao mesmo tempo universal e local, ou seja, convive com os problemas reais das pessoas, tenham ou não tenham ânsias do

transcendente, acreditem ou não no Deus Vivo, no Cristo, no Salvador. É porque ainda há esperança, mesmo onde ela não existe.

O caminho, portanto, sugerido pelo franciscanismo, é surpreendentemente claro e eloquente. Faz aos irmãos aquilo que querias que fizesse contigo, ou seja, respeita para seres respeitado, mas respeita-te antes de mais a ti mesmo e esse é o mal dos nossos dias, não há limites para o que (de mal) o homem pode fazer e depois as coisas perdem o seu controle. Acredita em Deus desde o início, porque Ele está lá, onde mais ninguém está, além da tua consciência de Ti Mesmo e não apanhes Deus no fim, como se precisasses de uma boleia só para te safares. Tens desejos do corpo? Leva a coisa com moderação, com atenção e interesse. A vida é uma aventura e, lembra-te, muitos já partiram para um lugar-fora dessa aventura.

Sim, fica este escrito como um desafio àqueles que querem seguir o franciscanismo, ou outro movimento da Igreja, avançando para a feliz solidão de Estar-em-Deus, deixando tudo para trás, mulher, filhos, vida social, revistas cor-de-rosa, mas descansar a alma n'Aquele que tudo pode. É preciso confiança, fé, esperança, caridade e ela que não seja cega, pois se Deus tudo vê através do Espírito Santo (o Paráclito), também tu podes ver, a imensidão das coisas belas do Estar-Vivo, estar no tempo, pertencendo, ainda que não sendo daqui...

Sim, a vida é um eterno dilema entre carne e espírito, uma luta entre os sentidos e a razão. Mas tu tens desculpa, são as hormonas...é a testosterona, quando és jovens apenas procuras um escape, uma fuga, uma forma de te sentires melhor, mesmo depois de meditares na igreja vazia, ouvires um pouco de música sacra da Abadia de Solesmes, rezares um pouco o terço. Na vida tens de tudo e a Igreja está lá, para que não te desligues dele (d'Ele), para que não percas a esperança e olhes para Francisco como o primeiro ecologista, amigo dos animais, um místico que pouco ou nada escreveu, mas viveu uma vida plena, a vida plena, por isso nem todos temos de ir para os conventos, nem todos têm de ser santos, há o sentido do contraditório e a razão humana também „avança“ por contraste, como uma geringonça...

Sim, acredito que o antropólogo, no seu afã de compreender o Homem, percebe que ele criou um Deus que também criou o Homem, o que equivale a dizer que, em certo sentido, o Homem se criou a si mesmo, enquanto Homem e Deus. O Homem...sempre o Homem! E Deus? Estaremos fartos desse pai que tarde em trazer para o nosso convívio o Seu Filho Amado, numa parusia que tarda em acontecer? Tem de acontecer, só porque Jesus o profetizou? Assim como filósofo é uma função da humanidade, como o antropólogo, o religioso é função de Deus (dEus). Mas, o

facto de ter sido o homem a criar Deus, não invalida que Deus seja Deus e que o Homem seja Homem, Hegel explicou muito bem isso, através da lógica Senhor-Escravo.

Explicando, a vida não é só incenso e morte, é também ela mesmo, ou seja, sêmen com que nasce uma nova vida, um ser à imagem do Pai, um novo anjo que irá combater o anti-cristo, a anti-virgem, o anti qualquer coisa de demoníaco nesta luta eterna entre Bem e Mal. Porque, filosoficamente, o Mal precisa do Bem para se afirmar. Precisar-se-á o Bem de fazer o mesmo? Ou seja, o Bem constitui-se autonomamente no mundo ou é apenas um reflexo do mal? Não teremos nós, religiosos, de entender estas lógicas, estas relações que se planteiam e patenteiam todos os dias nos nosso espírito? Por isso, o filósofo procura o sentido da vida. O antropólogo estuda a condição humana, o sociólogo das relações, os interfaces, a religião, a meu ver, estuda a maneira como podemos ser felizes nesta vida alimentando o desejo de partir para a outra (a existir) com a consciência limpa e tranquila...

Na verdade, tudo se resume à questão „Quem é o meu Próximo?“. Pode bem ser, na verdade, o Deus escondido no sacrário, pode ser o Deus que se esgueira num sem-abrigo, pode ser o Deus que se esgueira num homem de negócios que ainda acredita n'Ele, pode ser o próximo que se revolta contra mim e me bate na cara, tendo eu de dar a outra face, porque os mais corajosos são, afinal, aqueles que não lutam, neste século tão desenvolvido, por um lado, e bizarro e miserável, pelo outro. Não há homogeneidade? Tudo parece estranho, desfasado, surpreendente? É Deus a manifestar-se, o Deus de Kierkegaard e Espinosa, de Edith Stein e [outr@s](#). Se há competição não é sagrado? Claro que é! Cristo nunca virou a cara a uma boa luta, a luta do espírito, da filosofia, do sentido, da irmandade e da comunidade. A luta, afinal, por um mundo melhor!...

Lisboa, 09/07/2022

